

**“O PAÍS DA TORRE”, UM  
CONTO DA SÉRIE *KINO NO  
TABI*: UM ESTUDO SOB A  
ÓTICA DOS ESTUDOS DA  
UTOPIA**

*“THE TOWER COUNTRY”,  
A KINO NO TABI SHORT  
STORY: A STUDY FROM  
THE UTOPIAN STUDIES  
PERSPECTIVE*

**Stanley da Cruz Simões<sup>1</sup> (USP)  
Marcus Vinícius Matias (UFAL)**

**Resumo:** A obra *Kino no Tabi*, de Sigsawa Keiichi<sup>2</sup> (2000), é composta por uma série de livros da qual cada volume é um conjunto de contos sobre viagens, e cada conto retrata um país diferente de cultura única.

---

1 Mestrando no PPGLLCJ do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. E-mail: stanleydacruz7@hotmail.com.

2 Seguindo a ordem de escrita japonesa: sobrenome e nome

Por estes motivos, a leitura da obra em questão pode ser aprofundada através de uma análise crítica com a lente dos Estudos da Utopia, uma vez que viagens singulares são recorrentes em obras clássicas e contemporâneas desse gênero. O aporte teórico dessa análise é baseado em Claeys (2017) e Levitas (2001, 2011), além de comparações com outros escritores e escritoras – que também pensaram sobre utopia – de áreas diversas, como a literatura, sociologia e a psicanálise, com a finalidade de elaborar uma análise multidisciplinar. Dos achados, foi possível observar a inerência da presença do discurso utópico tanto em sociedades ocidentais quanto orientais e a respectiva relevância para a busca de uma melhor realidade.

**Palavras-chave:** Estudos da Utopia. *Kino no Tabi*. Literatura Japonesa.

**Abstract:** *Kino no Tabi*, by Sigsawa Keiichi (2000), is composed by a series of books in which each volume is a short collection stories about travels, and each chapter describes a different country with a unique culture. For these reasons, this series of books can be approached for a critical analysis under the lenses of Utopian Studies, as unique travels are recurrent in classic and contemporary works from such genre. The theoretical framework used in this analysis is based on Claeys (2017) and Levitas (2001, 2011), and on comparisons with other writers – who also reflected about utopia – from several areas, such as literature, sociology and psychoanalysis, in order to produce a multidisciplinary analysis. In the findings, it was possible to observe the inherent presence of the utopian discourse in western and eastern societies and its respective importance to the search of a better reality.

**Keywords:** Utopian Studies. *Kino no Tabi*. Japanese Literature.

## Introdução

O presente artigo trata-se de um recorte do que

foi estudado em meu Trabalho de Conclusão de Curso, aproveitando-me da tradução realizada para suscitar mais reflexões e diferentes leituras da obra *Kino no Tabi*, de Sigsawa Keiichi (2000). Em geral, tendo a fazer uma apresentação da obra, dos Estudos da Utopia, analisá-la com este viés, e também anexar a tradução no final do texto para consulta e divulgação do material inédito.

Devido à necessidade de desenvolver uma análise mais sucinta não farei reflexões mais extensas sobre a tradução do japonês para o português que realizei, sendo assim decidir-me focar em aspectos culturais transversais entre a cultura ocidental e oriental nas grandes áreas do pensamento, proporcionando uma análise literária fluida e multidisciplinar.

A cerca dos Estudos da Utopia utilizei-me principalmente do pensamento de Levitas (2001, 2011) e reflexões a partir do texto de Claeys (2017), sobretudo no que tange o indivíduo em meio a uma sociedade utópica e/ou distópica. Visito também outros autores como Dostoiévski, a fim de explicitar a interminável presença (e tem de ser mesmo) do pensamento utópico nas sociedades.

## **A Utopia**

Desde os textos mais antigos, como a Bíblia, é possível observar que o pensar em utopia já existia em tempos remotos. De modo geral, toda sociedade e todo indivíduo tendem a buscar um lugar melhor para viver, seja este lugar um outro país ou até mesmo o futuro. Esta esperança pelo melhor gera o chamado pensamento utópico, que embora seja antigo, como foi apontado, [só foi nomeado como “utopia” após] a publicação do livro *Utopia*, de Thomas More, em 1516 (COELHO, 1992).

Mesmo a *Utopia* sendo um livro do Renascimento, isto é, um livro publicado há mais de 500 anos, ainda temos motivos para continuar lendo-o, pois trata-se de um texto

clássico que continua a inspirar muitos autores e autoras cujas obras nos ajudam a perceber criticamente o que está faltando na sociedade e em que ela pode melhorar. Ou seja, se existe alguém que tem como desejo utópico um mundo sem injustiças, descrevê-las e analisá-las à luz dos Estudos da Utopia pode abrir um caminho para uma possível melhora em nossa sociedade. O foco não é, ao contrário do que muitos pensam, um direcionamento a um mundo ideal final, mas sim uma ênfase no processo para atingi-lo, considerando as demandas e necessidades de determinados grupos. Ruth Levitas (2001) partilha desse pensamento quando afirma que:

[...] a utopia é a expressão daquilo que falta, da experiência de ausência em qualquer dada sociedade ou cultura, entender as aspirações utópicas geradas por qualquer sociedade é uma parte importante para entender essa mesma sociedade. O estudo da utopia é uma parte essencial da antropologia cultural ou da história ou sociologia da cultura (LEVITAS, 2001, p. 2).

Não obstante, esse pensamento utópico ou expressão utópica não aparece somente na literatura ou em religiões. Ele pode ser evidenciado em diversas áreas do conhecimento humano como história, antropologia, sociologia, política, psicologia; o que nos permite alegar que este fenômeno não é algo único de um campo ou cultura isolada, mas sim uma dimensão do pensamento que ocorre em todo ser humano, conforme defende o filósofo Ernst Bloch (2005), cujo raciocínio retomarei adiante. Isso possibilita observarmos diferentes formas de uma materialização de um “lugar melhor”, devido à diversidade do desejo humano individual e coletivo e das suas formas de expressão.

Diversidade, entretanto, tende a gerar preconceito em mentes preconceituosas. O termo “utopia” ou “utópico” passou a receber uma conotação pejorativa devido às premissas dos socialistas utópicos do século XIX, que teriam supostamente achado a “verdade absoluta” em se tratando

de um projeto para a humanidade. Estes foram criticados por Marx e Engels n’*O Manifesto Comunista*, já que, segundo eles, os primeiros não chegaram a fazer ciência com a ideia de utopia (LEVITAS, 2011). Para além dos estudiosos da ciência política, vários escritores e escritoras de literatura também se posicionaram sobre a ideia, gerando debates sobre o assunto em suas obras. Um grande nome, dentre estes casos, é o de Dostoiévski.

No entanto, devido a estudiosos da utopia no século XX e à popularidade das distopias que surgiram nos tempos das Guerras Mundiais e de suas consequências, os Estudos da Utopia assumiram uma posição de crítica e de esperança pelo melhor, o que Ernst Bloch realiza com sua obra *O Princípio da Esperança*, em 1959.

Todavia, nesse mesmo século, após as primeira e segunda guerras mundiais, houve a popularização de um conjunto de obras, agora tituladas pelos críticos e teóricos de distopias, que partia do mesmo grupo de problemas das utopias e dos ideais coletivistas; havia, porém, em tais obras um viés caracterizado pela visão de indivíduo que vinha crescendo e ocupando o pensamento humano desde o Renascimento (CLAEYS, 2017). As distopias, sempre através da figura de um indivíduo ou de vários indivíduos, como afirma Margaret Atwood (2005), promovem problematizações para questões que as utopias frequentemente ignoram, já que as utopias tendem a abordar visões e noções focadas no conjunto da organização social, e não no ser isolado. Na literatura, é possível observar este fato nos elementos do enredo da obra. Enquanto uma narrativa utópica tende a narrar em terceira pessoa, geralmente por meio de relatos de viagens, na distopia a narração acontece frequentemente em primeira pessoa, relatando a vida de um possível dissidente que não se encaixa no sistema coletivo. “As revoltas”, esclarece Gregory Claeys (2017), “usualmente resumem valores com os quais o/a autor/a deseja que o/a

leitor/a simpatize”<sup>3</sup>. Essa afirmação nos ajuda a entender por que o gênero da distopia se popularizou especialmente no romance, caracterizando-se por trazer uma contra narrativa de resistência.

É característico da crítica literária definir o romance como o gênero da solidão, pois durante a leitura nos isolamos do mundo, entramos num novo mundo ficcional e passamos a observar a personificação ou o próprio ser humano, isto é, ao lermos um romance observamos a nós mesmos e a nós mesmas. Mikhail Bakhtin (2002), em específico, tratou o romance como um contínuo e inacabável discurso conflitante entre o ser (indivíduo) e mundo (sociedade). Partindo dessa noção de Bakhtin, podemos observar que o romance é um palco favorável à distopia, pois, como já abordado acima, o texto distópico se utiliza da dicotomia entre o individual e o coletivo na narrativa para dar voz às necessidades e desejos do ser humano em foco.

A importância dessas observações sobre parte do processo que instaurou os conceitos de utopia e distopia adotados por este artigo será melhor observada no tópico seguinte, no qual analiso um conto de uma cultura oriental, a japonesa, a partir da perspectiva de que a percepção utópica é inerente a qualquer ser humano, e de que a literatura é uma das formas mais recorrentes de expressão desta dimensão humana.

### **Análise: O indivíduo na utopia**

No conto “O País da Torre – Free Lance” (doravante, O País da Torre), de Sigsawa Keiichi, observamos a personagem Kino chegando a um país notório por algo que o diferencia dos demais, sendo que não se trata de nada muito fora do comum: havia uma grande torre dentro dele. Todos/as os/as habitantes eram obrigados/as a trabalhar no seu levantamento, e, ao que se supõe pela fala de um

<sup>3</sup> Todas as traduções são de minha autoria, excetuando os casos em que tradutores/as estão listados/as nas referências.

homem revoltado que surge próximo ao final, todos os trabalhos desenvolvidos pela comunidade envolviam a torre de alguma maneira. Era, então, um processo contínuo e infundável. Pois, se findo, os/as habitantes já não teriam o que fazer. Assim a contínua construção da torre era o pilar daquela sociedade.

Presenciamos, no decorrer do enredo, a torre desabando devido a causas naturais; e os/as habitantes comemorando e já formulando novo plano para construir uma nova torre. Um dos indivíduos estranha tudo aquilo, e, num momento característico da literatura distópica, ele argumenta que aquela proposição parecia tolice: “Eu não quero mais ficar neste país. Continuar levantando uma torre que só serve para desabar algum dia, que coisa de idiota. Já não aguento mais” (SIGSAWA, Anexo 1, linhas 93-94). Esta personagem ocupa, assim, o lugar de inconformado com o sistema, que é um dos traços recorrentes neste gênero literário. Observando-se nesta situação, ele pede socorro e até ameaça nossa personagem principal, mas tudo ocorre em vão. Próximo ao fim do conto, graças a uma sugestão de Kino, esse habitante revoltado volta a se sentir parte da sociedade, pois agora tem uma suposta liberdade para fazer uma determinada escolha, neste caso, de esculpir a arte que desejar nos tijolos da torre.

Curto, mas amplo; simples, mas profundo. Desta forma adjetivaria este modesto conto. Ao passar uma lupa sobre algumas expressões e metáforas utilizadas, notamos não só o senso crítico para com a própria sociedade nipônica, mas sua transcendência para toda e qualquer comunidade de leitura.

Nessa perspectiva de análise que considera o âmbito social, Antonio Candido (1976) dividiu o nível de relação entre a literatura, sociedade e estética em três funções: função ideológica, função social e função total. Em curtas palavras, a ideológica é, segundo o autor, “a de menos importância”, pois foca em um sistema de ideias geralmente fixo de um indivíduo. Seria o caso de textos religiosos ou políticos – querem somente missionar suas ideias. A função social ficaria em segundo lugar. Ela englobaria a

primeira função, mas a literatura deste nível tem como função a manutenção de práticas de um grupo seletivo, limitando-se a sua dimensão sociológica. Por fim, a terceira, a função total, contém as outras duas funções, mas transcende o momento e lugar da produção por causa de sua estética – seu sistema simbólico. Uma obra classificada nesta função total pode ser lida por qualquer povo de qualquer lugar e ser apreciada, pois os elementos estéticos e seus temas são universais. Um bom exemplo seria as obras shakespearianas, que levantam temas como traição, desejo, amor, etc. Sendo assim, seguindo tal proposta, analiso a obra em questão de acordo com sua função total, ou seja, observando a estética e sua relevância para o pensamento humano.

Para tal análise, começemos evidenciando o termo utilizado no conto para indicar a famosa *raison d'être*: “dar sentido em viver”. Observando as origens nipônicas do texto, a primeira relação que surge à mente é com o budismo. Muitas vezes tido como filosofia de vida em vez de religião, o budismo é característica forte da cultura japonesa, presente tanto na língua quanto nos costumes. Miyazawa Kenji (1896-1933), um autor do cânone japonês que escreveu uma literatura muito baseada em conceitos budistas tanto em sua poesia (como em “Ame ni mo Makezu”), quanto em prosa (como em *Ginga Tetsudou no Yoru*, que se utiliza, em uma interpretação nesta área, do conceito do samsara e da chegada ao nirvana). Uma vez, quando atuava como professor de agricultura no interior, foi questionado por um aluno sobre o sentido da vida e, seguindo suas ideologias, respondeu-lhe: “Nascemos neste mundo para procurar saber qual o porquê de nós nascermos” (CHIBA, 2014). No conto em foco, a queda e a reconstrução da torre representariam, numa visão budista, o processo da vida, morte e reencarnação em busca do nirvana, a felicidade absoluta, que tem como consequência o fim do ciclo.

Nesse sentido, a torre significaria tal ideia de processo. Consultando o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1988), é possível tecer uma relação entre a construção de uma torre e o mito da torre de Babel, que tinha como objetivo alcançar os céus, mas fora destruída por Deus.



Este mito pode ser associado com o conto, também, pela força da natureza – imagem geralmente similar a Deus – ser que a destrói – e pela constante busca humana em construir “torres de Babel”, isto é, de vencer limites naturais através da cultura.

Entretanto, divergindo do mito de Babel, quando a torre desaba, os gritos de preocupação e desespero esperados pelos/as leitores/as não ocorrem – acontece o oposto, como podemos observar na passagem abaixo:

—Desabou! Desabou!!  
—Já faz 230 anos!  
—Desabou na nossa geração! Eu vi com estes olhos!  
—Hurra!Viva!  
Entre eles, alguém veio dizer à Kino:  
—Viajante. Finalmente desabou. Eu estou feliz de ter conseguido ver enquanto vivo.  
(SIGSAWA, anexo 1, linhas 62-67)

Tal reação nos permite pensar que quando o ser humano está perto de completar seu objetivo, gera-se um sentimento de destruição contra o próprio bem produzido, pois nós temos muito mais medo de completar o objetivo do que de perdê-lo por completo. Sigmund Freud (2010, p. 23-24) tratou deste ponto quando escreveu: “Acho que é preciso contar com o fato de que em todos os homens [e mulheres] há tendências destrutivas, ou seja, antissociais e anticulturais, e que num grande número de pessoas elas são fortes o bastante para determinar o seu comportamento na sociedade humana”. Não me parece à toa que Freud era leitor de Dostoiévski, pois o escritor do século XIX evoca a mesma percepção em sua magnífica novela existencialista, *Notas no Subsolo*, especialmente no seguinte trecho:

O homem gosta de criar e de abrir caminhos, isto é indiscutível. Mas por que ele também ama com paixão a destruição e o caos? Digam-me, por favor! Entretanto, eu mesmo quero dizer duas palavras à parte sobre isso. Não poderia ser, talvez, que ele ame tanto a destruição e o caos [...] porque ele mesmo, instintivamente, teme atingir o objetivo e concluir o edifício

que estava construindo? [...] Talvez ele ame apenas o edifício somente de longe e não o ame de perto; talvez ele ame apenas o ato de construí-lo, e não viver nele [...]. Vejam como as formigas têm um gosto completamente diferente. Elas têm edifícios extraordinários, indestrutíveis para os séculos: os formigueiros (DOSTOIEVSKI, p.44, 2017)

Ao excluir os demais animais, o autor russo adiantou, inclusive, que isso é algo característico dos seres humanos. Adoramos o processo. Tal perspectiva ontológica pode ser relacionada ao próprio pensar utópico. Esta ponte é construída de forma mais evidente quando Levitas (2001) comenta que o olhar sobre o processo pela busca do que falta é fundamental para a antropologia cultural. Nessa perspectiva, a utopia passa de uma palavra pejorativa, como fora comentado no tópico anterior, para ser entendida como catalisadora do chamado “desejo de desejar”. Assim, no conto, a torre atuaria literalmente como um epítome para a metáfora da falta que há em todos os seres humanos: um incessante objetivo que não pode ser concluído, mas que completa, no fazer, o ser.

Mas e quanto aos seres que se encontram em uma sociedade que não corresponde aos seus sentimentos? Aos seus desejos? Morrem cruelmente sem chance de escapatória? Numa distopia clássica esse seria o resultado esperado. Nossa sociedade, e qualquer outra, deve procurar fazer o máximo para que isso não aconteça. Freud (2010, p.28), em seus estudos sobre a cultura, articula vários meios pelos quais a sociedade, através da ética, da moral e, em especial, da religião vem construindo dinâmicas de controle dos desejos impulsivos destrutivos dos indivíduos participantes. Segundo o autor, todos temos esses desejos impulsivos desde criança. Ele nomeia três deles: o incesto, o canibalismo e o prazer de matar; para Freud, estes, em especial o canibalismo, tiveram de ser contidos para a instauração da sociedade moderna.

No conto de Sigsawa Keiichi, há uma personagem que não se conforma com o processo:

—Eu não quero uma vida só para levantar uma torre. Eu quero fazer outras coisas. Quero fazer coisas diferentes. Mas não tenho essa liberdade. Neste país não há liberdade. Eu quero liberdade (Anexo 1, linhas 116-118).

Isso ocorre possivelmente por causa da imposição social e da conseqüente perda de sua liberdade. Encontra-se revoltado e pensa que o único jeito de ser feliz e de ter liberdade é saindo do país. Porém, com o conselho de Kino, ele acha um caminho dentro daquela sociedade: o de fazer enfeites nos tijolos. À primeira vista, esta cena parece sugerir que até mesmo em uma sociedade composta por regras absurdas e punições severas, pode-se encontrar um caminho para a felicidade; entretanto, é irônica a súbita mudança de opinião, por parte da personagem em questão, e sua nova ideia de liberdade. O sentimento de revolta some e a personagem passa a ter a ideia de que teve liberdade ao escolher sua função, o que pode causar uma certa inquietação no público leitor.

Em suma, o conto “O País da Torre” apresenta assuntos relevantes para todas as sociedades por tratar de questões intrínsecas ao ser humano, perpassando a religião, a filosofia, a utopia, a cultura e a psicanálise, sem deixar de lado a sua estética que, desde o subtítulo da obra, referencia a liberdade limitada dos artistas *freelancers*. Artistas *freelancers* são pessoas que trabalham por conta própria e produzem o que bem lhes entendem, mas por estarem contextualizados em uma sociedade com leis e interesses diversos, precisam se adaptar. Tais fatores, em especial o pensamento sobre a expressão utópica, podem provocar no/a leitor/a uma reflexão crítica sobre a própria existência e sobre o constante processo de mudança em busca de uma organização social melhor do que a atual. Além disso, a posição do artista na sociedade aparece relacionada com a noção de liberdade o que alude à afirmação de Karl Marx, no *Manifesto Comunista*, de que a burguesia havia transformado o/a artista em um servidor pago. Logo, no momento que o/a artista perde até mesmo a liberdade para escolher o material com o qual trabalha,

como no caso alegorizado pelo conto, a subserviência social vem antes do individualismo. Isto, de certa forma, censura o artista e lhe dá simultaneamente uma obrigação e uma “liberdade”.

## Conclusão

Devido à extensão da obra *Kino no Tabi*, ainda há muito para ser estudado e analisado que pode ser de suma importância não só para as reflexões citadas nos tópicos anteriores, mas também para outras, como em contos em que o debate econômico ou o sociopolítico são o foco. O próprio conto analisado, “O País da Torre”, pode ser lido sob outras perspectivas e se revelar mais instigante noutra área que um/a crítico/a julgue mais interessante à luz de outra teoria. Um exemplo para isto, seria a possibilidade de analisar o discurso ou a semiótica das personagens desta narrativa. A literatura possui essa característica versátil, e é por isso que, segundo Candido (1976), ela nos transcende. Não obstante, as considerações tiveram o propósito de provocar a todos e todas por se tratar de uma análise literária focada na sociedade e na ontologia. Analisou-se, portanto, três principais pontos: 1) o comportamento do indivíduo, metaforizado pela figura do artista, diante de um sistema coletivo com o qual não era de acordo; 2) o contínuo sistema social que a torre representa por meio da imagem da *raison d'être* do coletivo; 3) a noção de liberdade que temos no conto.

Então, a produção deste trabalho ajuda na circulação de tradução de textos inéditos e contribui para o estudo acadêmico de obras literárias sob a ótica dos Estudos da Utopia. Além disso, espero ter contribuído para a análise de obras não-canônicas de origem estrangeira, no caso a japonesa, na comunidade acadêmica.

Por fim, embora ainda haja muito a ser dito sobre os Estudos da Utopia, saliento que, dada à importância do assunto, espero que o que foi estudado aqui sirva como suporte teórico para guiar futuros avanços, reflexões e projetos de organização social, pois o fazer utópico não termina numa folha de papel, ele

vai além: ocupa lugar em nossa ética, nosso comportamento como cidadão ou cidadã e em nossa cultura, para possivelmente nos fazer trilhar em direção a melhores caminhos.

## Referências

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*, Volume 1. Tradução Nélío Schneider. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2005.

CANDIDO, Antonio. “Estímulos da criação literária”. In: *Literatura e sociedade*. 5. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

CHIBA, Kazumiki. *Miyazawa Kenji: Subete no Saiwai wo Kakete Negau*. Kyoto: Minerva Shobou, 2014.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: a natural history*. Oxford University Press, 2016.

COELHO, Teixeira. *O que é utopia?* São Paulo: Brasiliense, 1992.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do Subsolo*. Tradução Maria Soares Aparecida Botelho Pereira. Porto Alegre: L&PM, 2017.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

KEIICHI, Sigsawa. *Tou no Kuni* In: *Kino no Tabi IV – the Beautiful World*. Tokyo: Kadokawa Bunko, 2001.

LEVITAS, Ruth. *The Concept of Utopia*. Witney: Peter Lang Ltd, 2011

\_\_\_\_\_. For Utopia: The (Limits of the) Utopian Function in Late Capitalist Society. In: GOODWIN, Barbara (ed). *The Philosophy of Utopia*. London and Portland: Frank Class, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

## Anexo 1: A viagem de Kino: O País da Torre – Free Lance

### O País da Torre – Free Lance

Havia uma viajante chamada Kino. Ela era muito nova, mas já era uma mestra em *persuader* (Nota: refere-se a uma pistola), tanto que não perderia para quase ninguém.

O parceiro de Kino em suas viagens é uma *motorrad* (Nota: refere-se aos veículos de 2 rodas. Só não inclui os que têm capacidade de voar) chamada Hermes. Seu assento traseiro é utilizado como portador de bagagens, repleto de um aglomerado de várias cargas, afinal Kino é uma viajante, passa por diversos países.

Certa vez, Kino e Hermes avistaram uma enorme torre para além da floresta que atravessavam. Por ser extremamente alta, parecia um fio descaindo por debaixo das nuvens, mesmo quando avistada de muito longe.

Ao chegarem lá, observam que havia um muro, como de padrão, contornando um país; e, lá dentro, uma torre levantada com tijolos grossos.

Já tendo entrado no país, viram que ainda havia inúmeras pessoas trabalhando com zelo nos arredores da torre.

—Boas-vindas, viajante. Observe o tanto como desejar.

Assim saudou uma pessoa que morava no país, e Kino, após um cumprimento, pergunta com franqueza:

—Mas que torre incrível. Se for possível, poderia me dizer quanto tempo levou e o porquê dela estar sendo construída?

—Quanto ao tempo, esta torre vem sendo construída faz 230 anos. E o porquê de a estarmos construindo... nem nós sabemos.

Sem pestanejar, ela respondeu-lhe e continuou:

—Isso porque, desde um passado distante, antes mesmo da escrita ter sido inventada, este país vem construindo essa torre. O motivo realmente não importa. Construir a torre é o que nos dá sentido em viver.

No dia seguinte, Kino acordou ao amanhecer.

Quando o sol já havia subido bastante, e após acordar a pancadas o dorminhoco do Hermes, Kino foi novamente observar a torre. Como o tempo estava ótimo neste dia, foi possível, com certo esforço, ver a extremidade da torre, que se situava num ponto incrivelmente alto.

Próximo à torre, habitantes faziam tijolos a partir da secagem da terra que o rio trazia. E, então, os carregavam por uma escadaria dentro da torre, subindo para cima e para cima. Às vezes, os tijolos que não eram bem colocados caíam em uma velocidade absurda. Seria perigoso se acertasse alguém.

Quando Kino estava com muita cautela e muita curiosidade na sua observação da torre, Hermes, que tinha não só um, mas vários comentários barulhentos sobre a torre, sussurrou de fininho:

—Kino, isso vai desabar. As rachaduras dos tijolos da base estão se tornando uma selva. Se um vento forte passar, pode ser até mesmo amanhã.

Kino, em resposta, acenou com a cabeça fazendo um “Hum...”. Mas não disse nada sobre isso para ninguém do país.

Na noite desse dia ocorreu uma tempestade.

Manhã do dia seguinte: o terceiro dia desde a entrada de Kino e de Hermes ao país.

No momento em que Kino estava fazendo um esforço para se deliciar com o *buffet* da pousada, uma comoção começou de súbito do lado de fora. Alguém gritava:

—A torre vai desabaaaaaar! Tomem cuidado com a parte oeeeeeste!

Kino, Hermes e todo mundo que estava na pousada saíram rapidamente para a rua, e de lá conseguiram observar o momento em que a torre desabava lentamente. A base, que já estava fraca, despedaçava-se em pó, não suportava o próprio peso e, espalhando tijolos principalmente para o lado oeste, a torre perdurou por um longo tempo até desabar completamente.

Os estrondos pararam com o tempo, e, após a poeira se

esvair, surgiu uma montanha de tijolos no lugar onde houvera uma torre. Kino e Hermes dirigiram-se para lá.

Um amontoado de pessoas estava dançando alegremente em cima da montanha de tijolos, e gritando, felizes da vida:

—Desabou! Desabou!!

—Já faz 230 anos!

—Desabou na nossa geração! Eu vi com estes olhos!

—Hurra!

Viva!

Entre eles, alguém veio dizer à Kino:

—Viajante. Finalmente desabou. Eu estou feliz de ter conseguido ver enquanto vivo.

—O que é que vocês vão fazer a partir de agora?

Perguntou Hermes, e a respondeu veio de imediato:

—Isso é óbvio, vamos construir uma nova torre! Nesta, vamos tentar fazer uma que não caia nem com 300 anos!

—Entendo, disse Kino.

Não passando muito tempo, todos e todas habitantes do país se reuniram e começaram uma discussão.

—Pelo visto não vai dar bom se não colocarmos tijolos grandes na base. Dessa próxima vez, vamos tentar fazer com que ela vá ficando tanto mais fina quanto mais alta.

—O vento também é um ponto importante. O que acham de polir os tijolos da parte exterior? A força que é lançada contra toda torre pode ficar mais fraca.

—Então, o projeto está como? Tentar limpar os destroços nos próximos 10 anos e nesse tempo montar a planta. Nos 20 anos seguintes, fazer os tijolos para a base. Posteriormente, vamos tentar concluir a base em 30 anos. Depois, basta subir com estabilidade.

Kino diz para todo mundo que estava discutindo alegremente:

—Já já nós vamos embora do país, passem bem.

Despedindo-se, todos acenam com a mão e com um sorriso no rosto. Kino e Hermes dirigem-se à pousada.

Neste momento, um homem aproximou-se e falou de uma maneira como de quem já estava aperreado.



“Tenho um pedido!”, disse quase como estivesse a agarrando. Kino perguntou “O que seria?” em contrapartida.

—Me tire daqui!

Assim exclamou o homem. Quando Kino lhe perguntou o porquê, ele continuou: —Eu não quero mais ficar neste país. Continuar levantando uma torre que só serve para desabar algum dia, que coisa de idiota. Já não aguento mais.

—.....

—Viajante, você também acha que há algo errado com este país, não é? Pensa que estão loucos, não é? Por favor, me diga com honestidade!

E Kino responde com honestidade:

—Não sei. Todos podem estar loucos, ou só você.

O homem, fazendo uma cara de choro, pede a Kino:

—Por favor, me leve embora com você. Não quero viver a vida toda neste país. Me ajude.

Ao ouvir Kino dizer “Isso não vai ser possível”, o homem ameaça, “Então vou te convencer nem que seja à força, se não quiser passar por maus lençóis, ouça o qu...”, mas só disse até aí, Kino o interrompe, “Certamente isso vai causar problemas para nós dois”, enquanto mostrava claramente sua *persuader* embaixo do casaco. Por causa disso, ele não acrescentou mais nada.

O homem arriou-se e finalmente começou a chorar.

—Já não aguento mais essa vida... Neste país não há liberdade. Quem se recusa a construir a torre é considerado impatriótico e sofre *hitobashira*. O que eu devo fazer a partir de agora...”

Kino pergunta ao Hermes, “O que é *Hitobashira*?”. Após uma clara explanação sobre o sacrifício humano, Kino diz:

—Entendo.

O homem, ainda chorando:

—Eu não quero uma vida só para levantar uma torre. Eu quero fazer outras coisas. Quero fazer coisas diferentes. Mas não tenho essa liberdade. Neste país não há liberdade. Eu quero liberdade.

Kino lança rapidamente o olhar para Hermes, e depois disso aproxima sua boca ao ouvido do homem e sussurra:

—Se não quer levantar a torre, que tal virar um mestre em esculpir arte nos tijolos e criar vários tijolos incríveis?

—!

O homem levantou a cabeça rapidamente. Os olhos, que estavam com lágrimas há poucos instantes, abrem-se demasiadamente.

—É! Isso parece divertido! Isso parece bom! Eu vou fazer isso a partir de agora! Vou esculpir livremente desenhos nos tijolos!

Ao se levantar, o homem, saltitando de felicidade, corre em direção aos outros.

—Ouçam-me! A partir de hoje, eu decidi que vou cuidar de esculpir os tijolos. Vou colocar, em cada um, um belíssimo enfeite!

Todo mundo, unanimemente:

—Ah! Que ótima ideia!

—Concordo! Vamos usar isso nas escadarias! Sim! Vai ficar uma beleza!

—Boa, rapaz! Conto com você!

Era visível que o homem sorria envergonhado.

Por fim, Kino e Hermes se retiram deste lugar. Voltam à pousada, arrumam suas coisas e saem do país.

*A viagem de Kino* ainda continua, mas esta história termina por aqui.